

ALUNO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÊMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso na TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO III N.º 27 (30 DE SETEMBRO DE 1949)

OS PROBLEMAS DE ESPINHO

Vistos por um ilustre jornalista

Na 6.ª-feira, 24, o meu amigo Gameiro pôs-me na Curia, com passagem por Espinho. Interessava-me ver Espinho, observar as obras que em Espinho se estão fazendo para sobre elas dizer de minha justiça. Em Espinho há dois problemas: o Mar e a Terra. O Mar bravo e hostil, todos os anos martiriza a sacrificada população que lhe fica próxima, nas suas fúrias de estoira-vergas. Solicitamente o Estado intervém e procura, com grave sangria nos seus cofres, dominar o mastodonte, contê-lo nos seus limites, apaziguá-lo nas suas fúrias. É o que está fazendo agora. É o que se está fazendo agora é um notável esforço digno de registo e de aplauso. Mas será aquela a solução? Dizem os técnicos que sim, e se os técnicos o afirmam é porque se baseiam em estudos a que a sua competência dá foros de certeza ou, pelo menos, de cuidada presunção. Mas eu não sou técnico, sou jornalista, e a minha ignorância de jornalista põe dúvidas a essa certeza dos técnicos. Já o escrevi algures quando a última catástrofe se deu. A fúria do mar é muita em Espinho e quanto mais resistência lhe puzerem na frente, mais ele redobra de furia destruidora. Daí as minhas dúvidas. Daí o eu supor, dentro da minha ignorância de não técnico, que a solução de Espinho não está apenas na solidez da sua defesa, mas na habilidade de a pôr em prática.

O Mar é como um toiro. O de Espinho é como um toiro demasiadamente possante e de birras. Meteu-se-lhe na cabeça que há-de dar cabo da famosa praia e escavar as suas habitações mais próximas, e, em chegando o Inverno, ei-lo na sua faina destruidora. Arremete bravo, decidido. Marra com ímpeto e as suas marradas ciclópicas na frente. Esses obstáculos são a sua arena, o seu redondel, a sua praça de pimponices desabridas. Fogem os cavaleiros e fogem os

Continua na pág. 8

EDITORIAL

PROBLEMAS CLUBISTAS

PERIGO!

Após uma dezena de anos, de autoridade quase imperceptível como força viva, a Associação Académica de Espinho está presentemente a ocupar na vida local lugar de certa valia a que não pode, imparcialmente, negar-se proeminência pública. Esta situação, obtida com a natural simplicidade que deriva de actividade dos seus maiores, simples representantes da opinião da massa associativa, não foi procurada intencionalmente pelo que lhe é estranho qualquer cálculo individual ou sectário.

A convicção destas afirmações não traduz porém, e como poderia erradamente inferir-se, apontamento apologético ou auto-elogio da Colectividade, dando, pelo contrário, motivo a reparos que entendemos justos e precisos.

A nossa Agremiação, rica de possibilidades nos campos intelectual, cultural e social — não esquecendo o desportivo — criou responsabilidades que ultrapassam até o sentido que elas transmitem aos sócios efectivos, estatutariamente os futuros orientadores (?) da vida do clube.

Há portanto que chamá-los à evidência, dando-lhe nota do «Perigo» a que expõem o clube, situação que começando já a desenhar-se, se vai avivando de momento a momento. Os rapazes que fundaram a Ass. Académica local, hoje homens, não podem eternizar as suas funções directivas, por via das obrigações e impedimentos a que a vida obriga diminuindo-lhes possibilidades na assiduidade que anteriormente lhes permitiu fazer dum clube de rapazes, uma agremiação de homens, pensando e agindo como convém.

Quem tenha vivido a vida do clube, verifica que actualmente se procura mais usufruir das vantagens criadas, que participar na manutenção e defesa das responsabilidades a que o desenvolvimento da colectividade obrigou.

A tenacidade no esforço, o gosto da independência e da responsabilidade estão a obliterar-se por defeitos sociais que, não sendo de geração expontânea, traduzem o conformismo mole e dirigido dos rapazes de agora, egoistas e ciosos de um bem estar que afinal lhes vai fugindo por culpa própria.

Perante a formação desta situação perigosa para o clube, cumpria-nos apontar o Perigo, acreditando que esta crítica não seja interpretada pelos nossos companheiros na mesma acepção com que estranhos ao clube apontam as críticas que lhes são destinadas.

Higino Pires

Sumário

- EDITORIAL — *Perigo I*, por Higino Pires
- REGIONALISMO — *Problemas de Espinho*, pelo jornalista Paulo Freire
Contágio, por Gino Sérpi
Espinho e o Jogo, por C. C.
As Festas d' Ajuda, por Repórter Curioso
- IRREVERÊNCIAS — *Desistam, senhores II*, por Sportacus
- CRÍTICA E CARICATURAS LOCAIS — *Talvez seja verdade que III*, por Varius
Carteira de Alfinetes, por Didi
Sem Título e Sem Ofensa, por D. Fuas Roupinho
Troveadas Locais, por Mário de Oliveira
- VOZ DOS TERRÍVEIS — *Ignorância ou maldade?*
Espinho e a Propaganda
- CRÍTICA LITERÁRIA — *O «Novo Cancioneiro»*, por Taborda de Vasconcelos
- POESIA — *Extase*, um soneto de Fernando Corvalhas
- DESPORTO — *Natação, Ténis, Voleibol, Hoquet em patins*, etc.

MARÉS VIVAS

CONTÁGIO

Em épocas de epidemia, a palavra tem o sabor amargo e terrível de uma sentença de morte. Do frio físico e moral do vocábulo poderemos aproveitar para lançar novo anátema ao viver social do nosso burgo. No contágio físico os estigmas desenvolvem-se através das células e tecidos, expondo crua mente nas rociadas feridas, toda a podridão microbiana. No contágio moral o aspecto exterior nem sempre condiz com o estado virulento e podre do doente. O que porém é comum às duas situações é que o poder do contágio, avesso a ser contrariado, desenvolve-se rapidamente, quando o meio é mole e se encontra saturado de pontos vulneráveis, portas abertas á contaminação.

Há portanto que lutar com coragem e «limpesa» de corpo e alma, desprezando o medo que manietta e tolhe os movimentos, para vencer, ou pelo menos condicionar, a virulência do contágio.

Em Espinho, está a assistir-se a uma epidemia de estatismo e incompetência em vários aspectos associativos, clubistas e administrativos, sem que os indivíduos «sãos» lutem afoitamente contra o mal e o que é pior, deixando-se contagiar pelo meio porque, segundo parece, aceitam o poder desta frase fatalista e retrógrada: sózinho não posso endireitar o mundo.

O comodismo que ressuma da frase feita é a mera e fraca desculpa para muitas e lamentáveis perdas, tendo em atenção que o isolamento a que se votaram certos guias é afinal sinal de contaminação. A par da escassa capacidade dos entronizados, preocupados com a demonstração de qualidades que não possuem, temos que lamentar a indiferença dos «médicos» capazes de salvar Espinho doente.

Fugindo do foco infeccioso, não se caia contudo noutra foco epidémico (egoísmo e sede de bem estar, através de tudo) para que se não veja o «doente» ir de mal a pior.

Gino Sérpi

VISADO PELA CENSURA

Rescaldo das Festas do 50.º Aniversário de Espinho

AS FESTAS DA AJUDA

Cumprindo a tradição, realizaram-se mais uma vez as Festas d'Ajuda. Não nos interessaria a análise, o juízo das referidas festas, se não dêssemos conta dum borborinho, feito de críticas, ditos, afirmações, tudo numa mistura de festas religiosas, profanas, iluminações, músicas e não sei que mais pormenores, dado o poder "crítico" da nossa gente.

Conhecedores do meio e da "qualidade" das suas exteriorizações, decidimos apurar a verdade, para acabar com a efervescência e a má-língua dos críticos d'algi-beira que a modos dos submarinos do mesmo tipo tornam-se perigosos até ao momento em que são "localizados".

Restava-nos saber qual a melhor maneira de atingir o objectivo, mas uma ideia feliz e uma boa oportunidade puzeram frente a frente o jornalista curioso e a comissão dos festejos composta pelos senhores João Barbosa, Joaquim Moreira da Costa Jr. e António Gaio.

Exposta a nossa pretensão, fomos acolhidos da melhor maneira e até com certo interesse, dada a vontade que havia em informar e esclarecer, acabando com suposições e terríveis "castelos" de cartas encobertos por grossas e negras núvens. Princípios por ouvir Joaquim Moreira que, falando naquele geito desembaraçado e fogoso, bastante conhecido, nos disse o seguinte, acerca da "questão religiosa" da festa.

"De facto, é para lamentar que, fazendo as Festas d'Ajuda parte do programa geral das comemorações cinquentenárias do concelho, não tenha sido possível a participação da festividade religiosa de tradição antiga e brilhante.

Em Maio, ao esboçar-se o programa definitivo das comemorações, foi unanimemente apoiada a sugestão de uma diligência perante as autoridades eclesiásticas a que Espinho está subordinado para ser conseguido o desejo de toda a gente: a festa religiosa em conjunto com a chamada festa profana, o que há alguns anos não se tem realizado. Dessa incumbência foi encarregada a comissão religiosa das comemorações, que a aceitou, ficando-se com a esperança de feliz êxito, dado o valor do período festivo que Espinho ia viver. No entanto, partindo-se do princípio que nada se conseguiria, foram fixadas as datas de 18 de Setembro para as festas profanas e a 25 do mesmo mês para as religiosas, cabendo a cada comissão a obrigação de orientar os seus trabalhos por forma a evitar atritos."

— Mas, então, como é que em Julho, salvo o êrro, apareceram cartazes a anunciar a festa religiosa para o dia 18 e até com esta anotação: sempre no terceiro domingo?

«— Não o podemos elucidar. Só lhe dizemos que isso causou pasmo e do facto só há a tirar estas conclusões: ou negligência, ou irreductibilidade. Quanto ao sempre no terceiro domingo, nem sempre a festa religiosa foi no terceiro, pois já teve realização no quarto, segundo informações que consideramos honestas. Porém, apesar de tudo, em determinada altura, a comissão religiosa informou que o deferimento da pretensão dependia do programa da festa a apresentar às autoridades eclesiásticas e que essa missão tinha sido confiada a quem de direito. Logo elucidamos que para facilitar o deferimento não haveria arraial no sábado, 17, visto sabermos que este facto influiu bastante na deliberação. A festividade religiosa com a saída da procissão e, fazendo participar desta as irmandades das freguesias do concelho, o que mereceu aplauso unânime, compensaria a falta do arraial.

Continuámos a tratar do que nos dizia respeito, mas os dias iam passando e quanto à festa religiosa nada havia de positivo. A pessoa encarregada de ir levar o programa dizia que não tinha ficado obrigada a tal, mas sim a enviá-lo; a comissão religiosa afirmava o contrário. Contudo, o equívoco não se desfez e, sem intuito de censura, entendemos que uma diligência da comissão religiosa para esclarecimento e entendimento não lhe ficava mal e estava dentro da sua função.

Ao fim e ao cabo, — e para arrumar com os rumores que se ouviam de todos os lados — resolvemos tratar o caso directamente com a autoridade eclesiástica. Fomos, acompanhados do reverendo P.º Joaquim Amaral, abade da freguesia. Informámos do programa: a festa só tinha início no domingo e, neste dia, à noite, far-se-hia então o arraial; na rua que dava acesso à capela d'Ajuda não havia ornamentação e não se consentia a permanência de vendedores ambulantes. A resposta foi de que — só era permitida a festividade religiosa desde que no domingo também não houvesse arraial. Claro que a tanto não devíamos ir, porquanto o comércio e a indústria a expensas de quem eram realizadas as festas ficavam sacrificados, mórmente o comércio. E como não podíamos adiar, em virtude de todos os contractos já estarem firmados e também porque a comissão das comemorações tinha fixado há muito o dia 18 de Setembro, como o domingo das Festas d'Ajuda, nada se conseguiu.

Talvez que o assunto tivesse tido melhor solução se, em vez de se ter solicitado um programa, houvesse sido dito a que condições obedecia a junção das duas festas: a religiosa e a chamada profana.

Como facilmente se verifica, não temos responsabilidade algu-

ma neste discutido caso e fizemos mais do que aquilo a que eramos obrigados — unicamente com o desejo de dar às Festas d'Ajuda o brilhantismo que elas mereciam e são sua tradição antiga. Ainda tentamos, depois do que se passou, abrir a festa no sábado, 17, mas porque as restrições de energia eléctrica só nos garantiam iluminação para o domingo e esta mesmo até certo limite, não foi isso possível.

Aqui tem, posta em «pratos-limpas», a célebre questão religiosa, que deu origem a tantos boatos. Espero que não fiquem dúvidas acerca da atitude da Comissão que, repito, tudo fez para o maior brilho das festas."

Ouvida a palavra forte e franca de J. Moreira, dirigimo-nos a João Barbosa, pedindo as razões do maior ou menor brilhantismo das festas profanas. Não tardou a explicação, exposta com calma e humor.

"Em primeiro lugar devo frisar que o dinheiro conseguido para as festas foi só aquele que se arranjou de porta em porta, no comércio e indústria, porque as verbas oficiais deste ano foram destinadas às "grandiosas" festas do concelho.

Ora, não obstante a pobreza da verba disponível, tão pobre que nas mãos de certos "festeiros" não daria para mandar cantar um cego, conseguiu-se um certo luzimento que não foi maior por via das restrições eléctricas e de certas restrições que impediram a vinda da multidão de outros anos que afinal é quem faz a festa. Mesmo assim, a "coisa" passou porque o fogo esteve bom, embora racionado, as ornamentações eram de bom efeito e as Bandas de música apresentaram-se em boa forma, tocando bem e muito... para um final de época."

Para terminar, faltava ouvir António Gaio, que com vigor e um pouco irritado nos informou das possibilidades da Comissão e do acolhimento que tiveram junto do Comércio e Indústria da terra.

"Duma maneira geral a Comissão foi bem recebida não contando certos cavalheiros que, atrás do balcão, gostam de proceder conforme o conceito vulgar que se tem de "tasqueiro", porque, afinal, a educação é coisa só para os outros. Lamentamos meia dúzia desses senhores que foram grosseiros e esqueceram além dos lucros obtidos com as festas, as obrigações para com a tradição e

PENSAMENTOS

"Não deves julgar um homem apenas pelos seus actos e sim pela opinião que ele tem sobre seus próprios actos" — (Jefferson).

"Para coisas de ciência, prefere os livros mais recentes. Para as belas-lettras, os mais antigos" — (Lord Lytton).

"Transportai um punhado de terra todos os dias e tereis uma montanha" — (Confúcio).

"Não apagues do teu coração a memória do teu amigo e não te faças esquecido dele no meio das tuas riquezas" — (Eclesiástico).

"Aquele que ama a disciplina, ama a ciência; mas o que aborrece as repreensões é um insensato" — (Provérbios).

"O justo é o primeiro que a si mesmo se acusa" — (Provérbios).

a vida da terra que os alberga e lhes dá o pão nosso de cada dia. Dentro aqueles que nos receberam bem e, caso curioso, quasi todos nada lucram com os festejos, devemos salientar os nossos conterrâneos de Matozinhos, afáveis e cavalheirescos: que demonstraram não ter esquecido a terra que os viu ensaiar os primeiros passos.

Quanto às possibilidades da comissão, reduzida a três pessoas, que tiveram de trabalhar bastante, não foram maiores por virtude da crise que o Comércio atravessa. Pode ter a certeza de que foi bem ingrata e espinhosa a missão de pedir dinheiro nos tempos difíceis que decorrem. No entanto, conseguimos reunir o suficiente para uma festa digna de Espinho. Não temos é culpa das desinteligências da questão religiosa e das restrições eléctricas que roubaram bastante a um maior brilhantismo.

Fizemos o que pudemos, com a certeza de que ninguém faria melhor com o dinheiro existente. De resto, a crítica não nos aflige dada a sua origem, ou por outras palavras, vemos muito quem fale e pouco quem faça."

E pronto, amigos leitores, estava terminada a entrevista, a bem da verdade dos factos. Só temos pena de não agradar àqueles que julgaram e disseram, sem temer o dia de hoje.

Repórter Curioso

Propriedade da:
A. Académica de Espinho
(Secção Cultural)

RUMOR

BOLETIM DA ASS. ACADÉMICA DE ESPINHO

Editor:
ARQ.º JERÓNIMO REIS
Administrador:
F. DE PINA CABRAL

DIRECTOR:
Higino Augusto Pires

Redacção e
Administração:
Rua 11-104-ESPINHO
Redactores:
GOLART NOGUEIRA
ANIBAL ZACARDA
SILVIO F. DA SILVA

NATAÇÃO

IV Campeonato de Espinho

Com extraordinária animação realizou-se o IV Campeonato de Nataação de Espinho, prova esta da iniciativa da Secção de Nataação do S. C. de Espinho, para estímulo desta modalidade, aproveitando as vantagens concedidas pela Direcção da «Piscina Solário-Atlântico» e seu Director sr. Manuel Bizarro.

Participaram nestas provas os filiados da Mocidade Portuguesa inscritos no Centro de Instrução Especial de Nataação n.º 11 — Espinho — que, instruídos pelo seu Monitor sr. Orlando de Sousa Pereira e coadjuvado pelo Comandante de Centro sr. Rogério de Matos Leite, revelaram o melhor aproveitamento e prometem ser, no futuro, bons elementos nesta modalidade desportiva.

22 mts. bruços: Maria Rita e Maria da Graça Sousa Guedes; 28 mts. bruços: Emilia Manuela Coutinho e Marianela Gaioso Vaz; 50 mts. bruços (cat.ª B) Inês Maria Esquivel e 50 mts. bruços (cat.ª C) Serena Mouths; 28 mts. bruços: António Pinto de Andrade, Carlos Alberto Coelho, Alexandre T. Godinho, Carlos Alberto Vieira, José Fernandes de Sousa; 28 mts. bruços (cat.ª B) Alberto Manuel, José Carlos Tavares, Noel de Lacerda, Mário Jorge Vaz S. Silva; 28 mts. crawl: Alexandre T. Godinho, Mário Gonçalves de Figueiredo; 50 mts. bruços: Rui Manuel Bizarro e José Gaioso Vaz; 50 mts. livres: Rui Manuel Bizarro, José Gaioso Vaz e Mário Martins; 50 mts. costas: Rui Manuel Bizarro, José Alexandre de Castro Lima; 50 mts. bruços (cat.ª C) Sérgio Pena de Andrade, José Manuel Gomes de Almeida e Carlos Fernandes Sárrea; 50 mts. livres: José Manuel G. de Almeida, José de Oliveira Salvador, José Alves Ferreira, Fernando A. de Couto e Carlos Pinhal; 50 mts. costas: José Manuel G. de Almeida e Alfredo Dias Cruz; 50 mts. iniciados, bruços: Vicente Manuel Sousa e Armando Morgado; 50 mts. livres: Miguel Amorim, Pedro Faustino, Vicente Manuel de Sousa e João J. Alves Quinta; 50 mts. costas: Pedro Faustino, Vicente Manuel de Sousa e João J. Quinta; 100 mts. bruços, principiantes: Carlos Alberto Bragança Moutinho e João de Oliveira Salvador, 100 mts. livres: Carlos Alberto Moutinho e João Salvador; 100 mts. costas: Carlos Alberto Moutinho e Joaquim César Miranda; 100 mts. júniores, bruços: Mário Gaioso Henriques, Eugénio Carvalho Lopes e Lionel Neves; 100 mts. bruços séniores: Alberto de Castro Lima e Manuel José de Carvalho Vaz; 100 mts. livres: António Xabregas e Abílio de Oliveira; 100 mts. livres «veteranos»: Jaime Silva.

Os 1.º e 2.º classificados receberam medalhas com o Braço de Armas da Vila de Espinho e todos os concorrentes da M. P. (Centro Especial de Nataação n.º 11 — Espinho) foram também, segundo a sua classificação, premiados com uma medalha igual.

Fizeram parte do juri os sr.s dr.

PELO

DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

As Festas do Concelho e o Desporto

Espinho, como é do conhecimento geral, esteve em festas durante todo o verão comemorando desta forma, com toda a solenidade, o cinquentenário da criação da sua autonomia administrativa.

Em todos os povos, desde as idades mais remotas, sem distinção de raças, estas datas eram sempre relevadas com sessões solenes e pomposos cortejos onde não deixavam de figurar espectáculos de carácter desportivo que irmanando a comunidade internacional viriam mais tarde a originar as «Olimpiadas».

Assim eram em tempos remotos e assim e hoje em dia. Portanto, nesta época balnear, uma Comissão Desportiva, nomeada pela Comissão Central de Festas, da qual faziam parte conceituados desportistas espinhenses ou pelo menos indivíduos que por Espinho têm apreço e simpatia, com competência e modéstia, muito trabalho e sacrifício, elabora um programa desportivo, animando e valorizando extraordinariamente o verão de 1949.

Está, por consequência, de parabéns a Comissão de Festas Desportivas e só desejamos que para a próxima época sejam os mesmos nomes a organizar novamente a temporada desportiva de verão, pois será a melhor maneira de termos assegurado futuros êxitos, que atraem muitos veraneantes à nossa praia, o que muito a beneficia.

Com a disputa do Campeonato Nacional de Ping-Pong, passando pelo de Voleibol, torneios de Oquei em Patins e Ténis, jogos de Hoquei em Campo, festivais na Piscina e touradas, concurso hípico e provas de Golf, gincana de automóveis e Prova de Perícia, se finda uma das melhores temporadas desportivas de verão de todos os tempos na linda praia de Espinho.

¿Será desta vez que certos incrédulos «inocentes» reconhecerão que temos na nossa terra gente capaz de arcar com as responsabilidades de grandes organizações e que temos espírito de iniciativa? Creio bem que sim.

Aníbal Lacerda

NOTA — Em virtude da extensão do artigo «Espinho e o Voleibol» no número anterior, fomos obrigados a suprimir passagens que alteram por vezes o sentido, do que pedimos desculpa.

A. L.

Hoquei em Patins
ÉTICA DESPORTIVA

Dentro do notável cletismo da Académica, uma secção se destaca mercê de vários factores, um dos quais é uma especial e por vezes exagerada protecção dada pelos dirigentes do clube: trata-se como é óbvio do hoquei em patins.

Apesar dos resultados técnicos não serem desmoralizadores, nesta secção existem variadíssimos aspectos que merecem ser banidos, tão má propaganda fazem do clube.

Dentre esses aspectos que a pouco e pouco irão sendo focados, um se destaca por requerer urgente solução e ter flagrante oportunidade: trata-se daquilo que denomino Ética desportiva.

Nesta expressão englobo a camaradagem entre os jogadores, a sua correcção dentro e fora do campo, numa palavra: o seu comportamento desportivo.

Procurando estas virtudes dentro da secção de hoquei em patins, com tristeza temos de confessar que, na maioria, são praticamente inexistentes.

Pelas contínuas e claras faltas de desportivismo e camaradagem, pelas constantes questões e desavenças não só entre os jogadores como também entre estes e os dirigentes, (faltas estas mais próprias de crianças do que de rapazes duma certa idade e formação moral), esta secção torna-se aos olhos de muitos pouco menos que indesejável.

Poderia encobrir ou reduzir a importância destas faltas, mas por assim se ter procedido é que este mal vem de tão longe e agora apresenta de tão difícil solução.

Elísio Gomes, Rogério M. Leite e Manuel José de Carvalho Vaz; Juiz de partida o Monitor da Piscina sr. Alvaro Coelho e cronometristas os sr.s Silvério Vaz e José Manuel Gomes de Almeida.

E agora que a entrada no Campeonato Nacional está assegurada, mais do que nunca é conveniente banir da secção atitudes que de nenhuma forma se coadunam com o desportivismo tradicional da Académica.

Para isso dois caminhos se apresentam.

1.º caminho: — Os jogadores reconhecem os seus erros (e tantos eles são!) e procuram corrigi-los, formando uma verdadeira equipa donde desapareçam mal entendidos, egoísmos estúpidos e descabidos, insultos dirigidos aos colegas menos felizes, e na qual, em sua substituição, se verifiquem vontade férrea de lutar pelo clube em todas as circunstâncias, respeito pelos dirigentes, árbitros, adversários e público. Realizados todos estes quesitos (que estão perfeitamente ao alcance dos interessados) a Académica pode estar descansada que será condignamente representada.

Isto é um dos caminhos citados, aquele que melhor serviria os interesses do clube e o brio dos jogadores.

2.º caminho: — ainda que antipático, deve ser posto em prática se falhar a outra directiva. Trata-se da imposição dos princípios basilares do desporto por parte da Direcção, imposição essa a fazer por meio de efectivos castigos aos prevaricadores.

O estado actual, para prestígio da Académica, da Direcção e da própria massa associativa é que não pode continuar. Que se percam jogos mas que haja comportamento decente dos jogadores.

Parece-me que não é exigir muito, e além disso o progresso real e crescente da Académica e o próprio nome de Espinho impõem que se tomem drásticas medidas tendentes a acabar com todas as incorrecções actualmente existentes na Secção de Hoquei em Patins da Académica de Espinho.

TÉNIS

Interrompidas em 25 de Setembro, pela copiosa chuva que impossibilitou a sua conclusão no dia imediato, efectuaram-se as provas do Torneio Cinquentenário do Concelho no passado domingo. E conquanto o tempo não permitisse que se disputassem as finais, parece-nos oportuna a sua crítica geral, já porque são previstos os resultados, já também porque a lição colhida é completa.

Dissemos no passado número que a A. A. E. estava de parabéns, acentuando-se embora que a população juvenil de Espinho seria sempre reduzida no seu concurso à modalidade.

O Torneio veio confirmar o dito. Diminuta maioria de tenistas locais ocorreu à competição, em face de excepcional concorrência dos estranhos. E verificou-se o que se previa: os praticantes locais logo no primeiro dia das provas passaram a espectadores — aliaz desinteressados. As razões são óbvias: a pouca assiduidade aos courts, falta de treinos produtivos e nenhuma experiência de competições — afirmando-se nos espíritos a ideia errônea de que os torneios são para os jogadores «feitos», quando afinal constituem a melhor escola dos «novatos».

Nem tal ocorrência, porém — desagradável sem dúvida — pode apoucar as provas, dos pontos de vista desportivo e turístico.

Na verdade, vimos concorrer ao Parque João de Deus, na época menos adequada, uma vintena de raquetes: e ouvimos com manifesto prazer as mais elogiosas referências aos terrenos. Tudo isto patenteia que, com alguma boa vontade, Espinho poderá ser em breve tempo um dos melhores centros do ténis nacional.

Entretanto as Taças Cinquentenário irão passear por terras estranhas — Oliveira de Azemeis e talvez o Porto — o que, se não é o melhor, constitui, pelo menos, propaganda.

E entretanto também, urgia levar a efeito a projectada «entente» da Mocidade Portuguesa com a A. A. E., em que predominasse um pouco de desinteresse «imediate», com vista a um objectivo mediato de maiores proporções: o desenvolvimento e divulgação do ténis em Espinho.

Só com a divulgação se atingirá o desenvolvimento. Mas para realizar aquela, necessário se torna colocar a prática de ténis ao alcance de todas as bolsas. Ora parecemos que nunca, como agora, se poderá obter esse embaratecimento, para tal bastando que entre essas duas aludidas entidades se troquem serviços em perfeita compreensão de interesses e possibilidades.

A. M. P. — só recentemente tivemos de fonte limpa esta notícia! — possui um Centro de Ténis em Espinho. O facto faz divisar novos horizontes para a modalidade. O Centro será para a A. A. E. o alfôbre, em que, sem abuso, e antes pelo simples decurso do tempo, esta encontrará quem abasteça a respectiva secção. Assim sucedeu com o volei, tendo apenas o S. C. de Espinho afeição e retocado a «matéria plástica» advinda do Colégio de S. Luiz, que o mesmo é dizer, da M. P. E assim, fatalmente, sucederá com o ténis, se houver quem queira abraçar o problema. Oxalá que no próximo número do «Rumo» nos congratulemos com o início da sua solução.

Constante Pereira

VOLEIBOL

Continuado da pág. 4

de si, estiveram a vencer por 14-11, e chegaram a fazer o 15.º ponto, mas o árbitro Sr. Craveiro Lopes, não o quis marcar, pelo que os jogadores adversários reagiram, e com Frade à entrada da rede, fizeram 5 pontos seguidos, vencendo por 16-14. No caso de se dar uma 5.ª partida, os «engenheiros do Técnico» teriam de empregar a «fundo» se não queriam ver os «cálculos errados».

No jogo contra o Leixões, tiveram uma entrada bastante frouxa, mas acabaram por vencer, depois de uma recuperação brilhante. Depois desta vitória, o 2.º lugar ficou já ao alcance do grupo local, que o veio a conquistar definitivamente contra o Sporting Clube de Portugal, realizando óptima exibição.

Todos os seus jogadores actuaram em bom nível técnico e tático sendo justo destacar, Walter, Bico, Ruano e Rosalvo; no jogo contra o Sporting lisboeta teve grande exibição A. Alves.

O Sporting de Espinho formou: Walter Brandão, Waldemar Brandão, José Bico, H. Ruano, A. Alves, J. Moreira e Rosalvo Mano.

Jorge Moreira

X.

DESPORTO

Voleibol

Como é do conhecimento do público, realizaram-se em Espinho, os Campeonatos Nacionais da 1.ª Divisão desta modalidade, integrados nas Comemorações Cinquentenárias do Concelho de Espinho. A eles concorreram os 2 primeiros clubes do Norte e do Sul, e ainda, este ano pela 1.ª vez o campeão da Ilha da Madeira, apurado da zona insular.

Os jogos, efectuados num dos «courts» de Tênis do campo da M. P., tiveram sempre a presença do numeroso público, o que nos aprás registar, uma vez que as entradas eram pagas, e o Voleibol pertencer aos chamados «Desportos pobres». A organização foi da Associação de Voleibol do Porto, que encontraram os conhecidos desportistas espinhenses dr. António Neves, Hígino Pires, Joaquim Moreira Junior e Teófilo Sousa, preciosos auxiliares.

Vamo-nos referir apenas à actuação de cada um dos concorrentes, uma vez que os relatos dos jogos, já vieram a seu tempo, nos jornais diários.

Começemos pelo campeão crónico, o Instituto Superior Técnico.

Conquistou com todo o merecimento o 1.º lugar e mostrou-se de facto uma equipa de valor à parte. Na realidade, dentro duma secção onde tudo é levado tão a sério, e de baixo da orientação de uma pessoa como a do sr. Eng. Cavaco, dá gosto praticar Voleibol. Não nos admiram portanto, da verdadeira classe demonstrada pelos seus jogadores.

Embora desfalcados de 3 dos seus melhores rematadores, conseguiram ganhar com certa dificuldade ao Leixões, no 1.º encontro do campeonato, mas no seguinte, já completos demonstraram o que valiam, não deixando dúvidas a ninguém.

Um pormenor que assombrou todo o público, até os adversários, foi a elevação demonstrada por todos os seus rematadores. Dos jogadores, gostamos de todos, mas citaremos em especial Frade, Alvaro e André Mendes, este o melhor passador que vimos até agora, e João Pais.

O outro club lisboeta foi o Sporting C. de Portugal, que desiludiu o público.

Apresentou-se em nítida baixa de forma, e animados duma confiança excessiva.

Apenas fizeram algo de bom, no jogo contra o Técnico; mas nos outros mostraram-se muito fracos. Apenas destacamos entre os seus jogadores, Campos, que realmente foi o único, que se apresentou bem preparado.

Do Clube Desportivo Nacional, ficamos com óptimas impressões, sendo quanto a nós, um grupo de temer logo que se adapte, o que por certo fará com facilidade, dado o grande poder de assimilação de que deram provas, às táticas modernas.

Apenas fizeram um mau jogo contra o Sp. d'Espinho, que foi na sua estreia, mas logo se recompuzaram nas seguintes, fazendo exhibições valiosas. Rui Henriques, foi o seu melhor jogador, mostrando-se possuidor de recursos admiráveis para o voleibol. Seguiram-no por ordem de mérito Oscar, seu irmão e Fernando de Oliveira. Mostraram-se todos bons desportistas, deixando simpatias no público espinhense.

O Leixões, campeão regional do Porto, actuou com uma pouca sorte a toda a prova, não se classificando como merecia. Pareceram-nos que entraram mal preparados fisicamente. Abel, Campos, Soter e Pedro foram os jogadores que melhores, exhibições produziram.

O Sporting Clube de Espinho, obtem a sua melhor classificação nos Campeonatos Nacionais, sendo absolutamente justa, visto que, depois do I. S. Técnico, foi o grupo que melhor preparado se apresentou. Actuando com muito nervosismo no 1.º jogo contra o Nacional, tem ainda a sorte do adversário jogar pior, saindo vencedor mais facilmente do que supunha.

No jogo contra o Técnico depois de perderem os dois primeiros jogos, venceram o 3.º por 15-5 e logo no 4.º dando boa conta

Continua na pág 3



TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



...a nova Direcção da Académica será formada por indivíduos de sólida reputação social e intelectual, a par de acendrado bairrismo...

...será criada uma Direcção Desportiva com plenos poderes, escolhida entre os mais práticos e competentes sócios da colectividade...

...assim poderá, sem acumulações, dirigir-se o clube a con-

tento, desenvolvendo-se a sua faceta cultural, social e benéfica, até aqui em plano inferior...

...a Feira Popular de Espinho, é a única no País que dará saldo negativo, circunstância que lhe dá foros de Sensacional...

...Espinho, neste ano de 1949, foi a terra portuguesa em que houve maior número de pedidos, subscrições, rifas, etc, etc...

SEM TÍTULO e sem ofensa...

A equipa do hoquei em patins da Ass. Académica realizou muitos jogos no seu rink, mas em nenhum deles, com excepção do efectuado contra o Benfica, conseguiu satisfazer os seus adeptos e simpatizantes, apesar de ter vencido todos os encontros...

Em contra-partida os jogos que efectua no rink dos adversários, mesmo sendo vencida, conferem-lhe sempre, o cunho de equipa de boa classe. Ora como os adeptos não acompanham a equipa — são adeptos de trazer por casa — não conseguem verificar da veracidade da afirmação contida pela opinião, de que o grupo espinhense é uma das boas equipas nacionais.

O Sporting de Espinho foi apurado para a II Divisão do Nacional, através dum confuso, mas para nós saboroso, novo processo de disputa daquela prova. No entanto, os resultados que tem obtido na Taça da A. F. de Aveiro não nos deixam antever grandes cometimentos.

Atenção pois ao grupo do Sporting, enquadrado na mais equilibrada e mais difícil série do Campeonato Nacional da II Divisão.

Pelos jornais, temos conhecimento de que nos Campeonatos Regionais do Porto, entraram em competição alguns nadadores espinhenses defendendo camisolas de colectividades do Porto. Ora sabendo-se que o Sporting de Espinho tem uma secção de natação, poderá perguntar-se porque razão não entra em competições dado que os atletas em referência são espinhenses natos? Bem diz o Aníbal Lacerda...

Depois de alguns anos de interregno o ténis volta a animar-se em Espinho, mercê da actividade da Académica local que bem merece de todos o maior auxílio, inclusivé da «Mocidade Portu-

guesa», actual explorador dos «courts» do Parque João de Deus.

Neste ano de 1949 o futebol local só na prova-extra organizada pelo União de Coimbra conseguiu marcar presença.

Inversamente no voleibol, tanto a equipa do Sporting como a da Académica, venceu bem o seu valor. Não esquecendo também o comportamento dos ping-pongistas da Académica, e o hoquei em patins ficará de pé a impressão de que o «Rei» foi, desportivamente, destronado. Que atente nesto os espinhenses, não para que abandonem o futebol, mas para que continuando ou até aumentado o seu carinho, por ele olhem um pouco mais para os outros desportos, emprestando-lhe o estímulo da sua presença nas competições em que participarem.

A Académica de Espinho, deve ter conquistado lugar que lhe permite tomar parte no Campeonato de Portugal em hoquei em patins, com a provável participação dos seguintes clubes: Paço d'Arcos, Sintra, S. L. e Benfica, Infante de Sagres e Académico do Porto.

Ao lado de Sintra, Lisboa e Porto teremos Espinho, razão mais que suficiente para que o bairrismo local tenha motivo para se fazer notar, vitoriando nas horas alegres e amparando nas infelizes os desportistas da Académica, nessa ocasião em representação de Espinho.

Num momento presente, dada a participação do «Espinho» no Nacional da II Divisão, parece-nos pouco recomendável a cedência de Costa ao F. C. do Porto, a não ser que essa cedência solucione tudo, incluindo o futuro da Colectividade... A seu tempo se saberá.

Dizem os jornais que a Câmara Municipal e a Comissão de Turismo da Figueira da Foz, re-

VÉNIAS E IRREVERÊNCIAS

Desistam Senhores!!

Em certa ocasião, o acaso levou-nos a terra estranha onde em representação clubista tivemos que participar numa Assembleia Magna, um quasi Congresso pelo número de assistentes e representantes de várias agremiações. Iniciada a exposição dos factos que mereceram a reunião, entrou-se em vivo debate, vivacidade essa porém sempre rodeada de correcção. Embora escudados no pleno conhecimento dos factos e leis que os regiam, podendo deste modo subtrair à apreciação da Assembleia acções de melindre, os oradores obrigaram, pela lógica e pelo direito, o aparecimento de factores que permitiam concluir que sendo embora honestos os dirigentes não serviam. Em dada altura e traduzindo em voz alta, o pensamento de toda a Assembleia uma voz grave, pesada como chumbo, cortou um pequeno mas profundo silêncio ocasional dizendo: Desistam, senhores!!!

Aquela voz até aí muda, traduziu o querer de todos, mau grado a proibidade dos atingidos. Essa qualidade não bastava; eram precisas outras...

Pois em Espinho, nas várias Assembleias Gerais, só falta a voz pesada como chumbo que diga aos ineptos — Desistam Senhores!!!

Spartacus

CARTEIRA de alfinetes

A Comissão Desportiva das Festas do Concelho foi a única que cumpriu inteiramente o seu programa, talvez por que era composta por espinhenses, o que logo convenceu todos da sua eficácia.

Para a época de 1950 será conveniente contar só com a prata da casa visto que doutro modo haverá muito assunto para a «Voz dos Terríveis»!

Os sócios dos clubes locais andam já a pensar nas listas directivas, mas encontram grandes dificuldades em nomes que possam cumprir... razoavelmente.

A «Cabine de Som» e a «Cabine da Família Casal» estão ao despieque, com grande gaudío dos surdos, mas com desespero dos ouvintes de ouvido apurado. Porque não acabam com essa trapaalhada?!!

Os hoquistas da Académica estão a tentar ultrapassar a Comissão Central das Festas, fazendo mais barulho que obras...

solveram dar «Firme» apoio camarário às Festas, Torneios e Competições Desportivas daquela Praia. Por cá há apoio e patrocínio verbal e burocrático. O que falta, é o apoio real e a firmeza que sobra por lá.

D. Fuas Roupinho

TROVOADAS Locais

Apesar de — por experiência própria — saber que a pequena imprensa, ou seja a provinciana, nem sempre cumpre (cabe aqui dizer, sem lisonja que o Rumo está, por enquanto, e oxalá seja uma excepção contínua, considerado muito acima dum vulgar jornaléco) de quando em vez, não deixo de passar uma vista d'olhos pelos «provincianos» e, confesso, pasmo da facilidade com que um qualquer (e até eu!!!) se dá ao luxo, atrevido, de rabiscar para transformar em letra de imprensa, tudo o que, de bom ou mau, lhe vem ao bestunto!

E porque, no vício de tudo ler e em qualquer parte, ao espraiair a vista pelo semanário local, talvez por efeito dos «Relâmpagos», li, pasmei mas... não quedei silencioso e vou comentar, tanto mais que, já há tempos e no mesmo semanário, porque o pseudónimo era um tanto exquisito, parei para ler que «não havia crise» que isto era um mar de rosas, que asfixiávamos com a abundância de tudo, para, por fim, o autor dizer que «sonhou que ganhava 2.500\$00 por mês» por 4 horas diárias de trabalho e três meses de férias por ano! Não era muito, vá lá, mas, cha' un a sa place.

E' precisamente o mesmo cronista (?) acaba agora, num dos últimos números, desencadear uma trovoada com «Relâmpagos», ciumentos, invejosos e açambarcadores, beliscando a torto e a direito, como se já tivesse carta d'alforria para, em Espinho, apesar de alguém pensar em vir civilizar, poder «marcar». E' preciso que saiba que, em Espinho há gente civilizada, e que, por isso mesmo é preciso que se mostre ao que vem, o que quer e para onde quer subir.

Entendido?

Ora, sigamos:

Entende o cronista, na sua maneira de ver, que o direito de viver quem quer que seja, é privilégio, só das coterias dos partidos, dos admiradores, dos que mandam ou que são mandados. No caso presente, só nacionalistas é que podem dar vivas ao Governo, ou aos seus Representantes; isto na maneira de ver do cronista de «Relâmpagos», que, seguindo esta ordem de ideias, só ministra talvez, instrução aos filhos de Nacionalistas.

Vem isto a propósito de ter um cidadão, que presentemente reside em Espinho, e que já tem o seu nome ligado a uma obra local de grande alcance humanitário — (não me passou procuração para o desagrarar) — no dia em que foi inaugurada a Grande Obra da Defesa de Espinho (não

Continua na 4.ª coluna

Sê bom assinante do
RUM O
angariando assinantes



Ignorância ou Maldade? Espinho e a Propaganda

Certos factos ou conhecimentos só podem ser classificados a partir da alternativa — ignorância ou maldade.

Pois bem, diante do resultado dos laboriosos trabalhos da Comissão encarregada de arranjar nomes para as ruas de Espinho, aparece-nos a interrogação — ignorância ou maldade? Porquê a interrogação? Porque para além da pobreza, da mesquinhez do critério adoptado, avulta uma falta que fere e magoa todo o espinhense capaz de sentir a gratidão e de medir os valores do espírito. Essa falta, essa «inofensiva» falta está no esquecimento de dois valores da nossa terra, de dois Homens — Dr. Joaquim Pinto Coelho e Dr. Manuel Laranjeira. Dois nomes, duas obras diferentes na forma mas iguais na essência. Ambos presidiram com carinho aos destinos da terra, ambos, como médicos, cuidaram, trataram desinteressadamente dos simples, dessa gente que vivia e lutava contribuindo para o crescimento de Espinho. Mas, Manuel Laranjeira foi mais longe, escreveu, arrancou do seu amor aos humildes, aos fracos, páginas de sangue, que levariam longe o seu nome e com ele o de Espinho. A diferença entre os dois reside na actividade intelectual de Laranjeira, mas a uni-los está o amor aos simples e a Espinho.

Esqueceram-se estes dois nomes. De facto, ao lado dos «homens ilustres» escolhidos (salvo a excepção) não pode haver lugar para um reles e tresloucado escritor e para um doido que sacrificou a vida, lutando pela existência mísera do semelhante.

Como classificar a atitude da Comissão?

Ignorância ou maldade?

Não queremos acreditar nas aparências. Tudo parece indicar ter havido intenção, maldade, mas nós com a proverbial ingenuidade dos jovens, acreditamos na ignorância dos membros da Comissão. Na verdade, os tempos do dr. Pinto Coelho vão longe, nas actas devem existir poucos dados acerca da sua actividade e a memória dos homens é coisa fraca. Quanto ao dr. Manuel Laranjeira ninguém é obrigado a gostar de literatura e ademais a recordação dum suicida, não é agradável. De literatura basta conhecer os nomes de Luiz de Camões e Alexandre Herculano. Não podemos protestar porque, infelizmente, a ignorância é doença vulgar. Paciência. Temos de afogar, calar a indignação e sofrer em silêncio. O dr. Joaquim Pinto Coelho não merece uma rua de Espinho e Manuel Laranjeira não precisa porque já tem uma no Porto e, caso extranho, outra em Madrid, e ainda tem a homenagem de certos e inúteis jornaizinhos e

Finalmente, temos a satisfação, o prazer de verificar a existência de propaganda de Espinho. Devemos estar contentes com o cartaz e os postais da Rainha da Costa Verde. Agora, sim, podemos acreditar no futuro. Mas, este aborrecido mas, devemos cuidar do «conjunto», não vão alguns erros estragar, apagar as cores vivas e alegres de que dispomos agora para elevar o nome da nossa terra. Não esqueçamos o que Espinho tem sofrido, nestes últimos anos, com as mais variadas formas da publicidade. Lembremos o filme de Armando Miranda (o maior criminoso do cinema português, dada a sua persistência), as reportagens da «Voga», aquele outro filme-documentário que levou sumiço (devia ser lindo, pelo andamento da filmagem!), as revistazinhas e as famigeradas páginas especiais. Todos sabemos que o principal fim da publicidade, orientada por firmas comerciais, é o lucro, mas a haver uma orientação honesta, segura dos valores do turismo, não teríamos a lamentar o nosso infortúnio nestas andanças do réclame. Falamos numa orientação honesta e segura e parece termos encontrado remédio para um mal que nos ataca com frequência. A não contar com a competência e a seriedade daquelas que vêm até nós devia existir uma entidade responsável a orientar e a coordenar, não permitindo abusos por ignorância, por incapacidade e até por má vontade.

Não nos enganamos se dissermos que tal entidade já existe entre nós, pois uma Comissão Municipal de Turismo, deve procurar, tem de visar toda a propaganda, velando pelo bom nome da terra. Só lamentamos é que até hoje não tenham dado por isso e daí a nulidade da Comissão Municipal de Turismo, e desta «ausência» a causa de tantos males.

Não importa, agora, esmiuçar um passado cheio de personalidades balofas e vasio de realizações. O interesse, de momento, deve incidir na união de esforços tendentes a arrancar do marasmo e da inépcia a Comissão Municipal de Turismo.

Na verdade, os cartazes, manchas alegres gritando o nome de Espinho, fazendo-nos sentir o tempo perdido, lembrem o que há a conquistar no futuro.

romagens à sepultura. Não pode haver razão para queixas, mas não tendo havido maldade, só temos a lamentar a ignorância, dum Comissão encarregada dum trabalho superior às suas forças (intelectuais, está claro).

TROVOADAS Locais

me quero referir ao jornal), e durante a sessão solene, que se efectuou à beira mar, dado um viva ao Ex.º Sr. Dr. João Moreira, digno Governador Civil do Distrito, grato pelo muito que Sua Ex.ª fez em prol da Associação dos Bombeiros Voluntários Espinhenses.

O cronista de Relâmpagos, tomou a nuvem por juno — e que juno fôra, e, talvez com receio de que o viva sinceramente dado, embora por uma pessoa que discorda do sistema político actual, pudesse ofuscar o seu nacionalismo professado desde que viu a luz do dia, esse não foi dos bancos da escola, vá de o beliscar, referindo-se, até, à sua exagerada nutridade abdominal, mantida, deve dizer-se, fôra do orçamento geral do Estado.

Francamente! Isto é, nada mais, nada menos do que... não ter mais nada que dizer, ou então, nacionalismo demasiado, que por vezes, como agora, atinge o ridículo, e o cúmulo da incoerência, porque o cronista, nem sequer se deu ao trabalho de compulsar os números do jornal em que escreveu, desde o seu início! Se tal fizesse os «Relâmpagos» eram uma minúscula luz comparada com o arco-íris das cores políticas do tal jornal.

E, sabe bem escrever-se aqui, não vá às vezes o cronista esbarrar-se, que um distinto advogado, de política adversa, mas sinceramente leal, desassombradamente, e sem relutância, reconhecendo a Obra do Governo de Salazar em Espinho, não se escusou a manifestar o seu reconhecimento pelo Bem que a Situação, portanto Salazar fez a Espinho. Isto, sim, é ter carácter; o resto, o querer açambarcar manifestações de simpatia, e vaidade, e talvez querer fazer-se notar... para continuar no que está, pois os acessos nas diversas profissões devem conquistar-se com o saber e não à custa da política.

Mário d'Oliveira

A tempo
Já depois de escrito o que acima fica soube com mágoa e tristeza que o Sr. Deudas, ao ser procurado pelo «atingido» nos seus Relâmpagos, quasi afastou de si os próximos!

Sujeu-se! Que hombridade!
Que carácter para um snr. Professor.
A cobardia é feia; é imprópria.
Se não foi o Saul Godinho que queria atingir, tenha, ao menos a hombridade e a coragem de dizer quem queria beliscar!
A mim não, porque, dentro da Situação, estou milhentos quilómetros acima de si, porque sempre soube respeitar e considerar adversários políticos, sinceros e leais, mais leais talvez que muitos Nacionalistas da sua categoria.

M. O.

«RUM O» está á venda no Porto, na
LIVRARIA PORTUGÁLIA
Rua de Santo António, 210



ELECTRICIDADE · MAQUINAS

A. VIZEU & C.ª, L.ª DA

RUA DO ALMADA, 453 · PORTO

DUARTE & C.ª
— Armazenistas de Mercadoria —
Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto **ESPINHO**
Praçadores, 104 - Tel. 3771
— GAIA — Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 — ESPINHO

Armazenistas de MERCADORIA * AÇÚCARES * CEREAIS * ETC

Cadinha & Couto

RUA DEZOITO · TELEFONE 52 · ESPINHO



CASA SOUSA
PAPELARIA E LIVRARIA
— J. Moreira de Sousa Júnior —
Telefone, 99 Rua 19 N.º 215—ESPINHO

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria—La Toja—Jogos, Novidades

CARPINTARIAS

Limpos para todos os tipos de construções, armações para estabelecimentos e taces para paquí, etc.

MARZENARIAS

Mobiliário em todos os estilos em madeiras nacionais e estrangeiras, etc. - Melhores preços - Novas instalações

Fábrica Moderna de Carpintaria e Marcenaria

DE

José Augusto da Silva Quintas

TELEFONE N.º 59
APARTADO 48

RUAS 18 E 39
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

Fabrico esmerado de todas as qualidades de pão

Telefone 6 - (PARAMOS)
SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiênico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da «Padaria Pérola»
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Milaneza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª da
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.ª da
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telefone, 31
gramas: FARINHAS
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

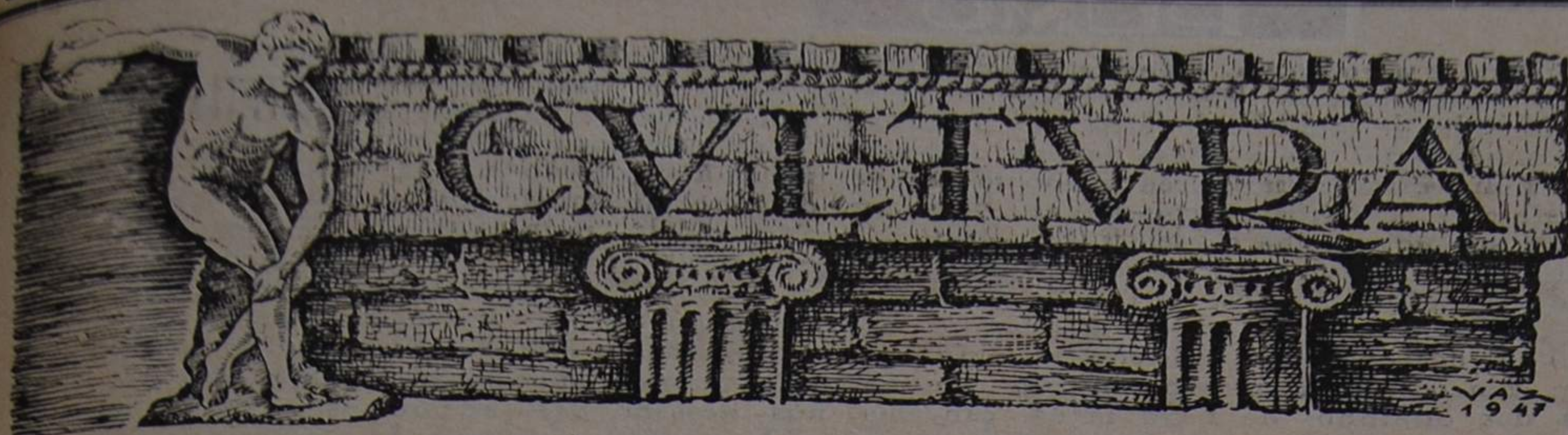
Rua 14, 833

ESPINHO

SOLCRIS

...é um store

30-9-49



CRÍTICA LITERÁRIA

O «NOVO CANCEIONEIRO»

Por Taborda de Vasconcelos

Sinceramente: ou a Poesia é a expressão verdadeira dos sentimentos, das emoções, dos casos humanos de que se haja interiorizado o necessário para que, em absoluto, os reproduza e se justifique como Arte, ou, dirigindo-se a fins pré-determinados, servindo este ou aquele ideal, se nega, por sua vez, como forma pura de subjectivação e independência.

Era esse, de facto, o termo que desejávamos: porque em Arte o que não fôr independente é servil. Independência é liberdade — e tudo o que não seja, em Poesia, liberdade e independência, é condicionalismo e opressão.

Ora, se algum movimento poético das nossas Letras se mostrou mais dirigido e mais condicionado a factores de ordem vária — a que não é estranho, até, o lado político da questão — tal foi o «Novo Cancioneiro». Movimento que teria projecção notável sem a prévia finalidade utilitarista de que se revestiu, apenas mantém, hoje, a-pesar de tudo, o restrito valor histórico que lhe é devido, como passo da evolução natural duma Cultura.

E não é, realmente, que de todo se haja perdido o possível valor intrínseco dessa expressão objectiva do indivíduo como unidade social, que vinha opor-se à Poesia abstracta e interiorista dos homens da «Presença». Mas se o neo-realismo pretendeu substituir pela sua, uma doutrina chegada já ao exagêro de certos delírios que tocavam o absurdo — como querem alguns — automaticamente se lhe impunha, por seu lado, evitá-los também na medida do possível...

Foi, porém, o que se não deu — e facto tanto mais para considerar quanto é certo que, desde o início, tal intenção se frustrara.

De facto: quer o subjectivismo revolucionário de Mário Dionísio, quer o pretense simbolismo do «Sol de Agosto», a forma linear e inexpressiva de Joaquim Namorado ou o descritivo insuficiente, ainda que colorido, de Fernando Namora — de nada bastam a individualizar uma arte que encarasse a realidade total da vida, de modo a que nenhum dos seus aspectos fosse deliberada ou fortuitamente iludido, esquecido ou relegado para segundo plano.

Havia, contudo, em tais poe-

tas, muito de retórica e de demagogia, para que as tendências meramente sociais do neo-realismo encontrassem o poder de realização favorável aos seus problemas humanos.

De algum modo, à inquietação prematura do início, — donde a insuficiente consciencialização dos intuítos verdadeiros do movimento que se delineava, então, para nós —, sucedeu um rápido desequilíbrio artístico (já um tanto sacrificado a outras exigências), que precipitaria, depois, toda a estrutura do conjunto. E a tal ponto, que mesmo os poemas esotéricos de Francisco José Tenreiro e a despersonalização de Sidónio Muralha (muito mais de estranhar desde que em «Bêco» se afirmam um talento de verdadeiro poeta), não cansam o espanto sincero de quem esperasse, ainda, um possível regresso, às formas próprias das novas tendências poéticas.

Daí, porque, excluindo «Turismo», de Carlos de Oliveira, onde é nítido já esse formalismo intelectual um tanto pessimista e a angustiosa perplexidade entre

a humanidade expontânea do artista e os limites duma cultura adquirida, nos restam três nomes, aliaz os mais representativos e os mais esteticamente sinceros: Alvaro Feijó, Manuel da Fonseca e Políbio Gomes dos Santos.

Do primeiro, foram reunidos num só, os seus três únicos volumes: «Primeiros Versos», «Corsário» (talvez o mais importante deles) e «Diário de Bordo». Mas em qualquer um, a dolorosa sensibilidade do autor, o seu esteticismo delicado, a sua pureza expressional, nitidamente destacam a envergadura desse inegável talento literário, a que não devia ser estranha certa feição hereditária que tão pessoalmente o impunha.

Mas também Manuel da Fonseca, que já havia publicado «Rosa dos Ventos» — onde permanece, de resto, dados, no entanto, alguns desniveis e certa falta de unidade, mais original e próprio — também ele, dizíamos, afirma uma nítida personalidade em «Planície». E curioso é notar que, muito embora este se estruture duma densidade

mais íntegra, já a sua poesia, socializando-se sem descer ao panfletarismo, mantém identidade íntima com a do volume anterior, no recorte imponderável dessa vincada expressão folclórica e pitoresca, que parece, a cada passo, mais se consciencializar de si mesma.

Um simbolismo natural, quase irreflectido, enforma os versos de Manuel da Fonseca, traduzindo o sentido essencial e humano da vida e da colectividade. E até certa rebeldia e inconformismo, conferem-lhe mesmo a segura feição das tendências que os neo-realistas defendiam.

E' quando, a seu lado, outro autêntico Poeta aparece, mais tarde, também com um volume publicado anteriormente, e que «Voz que Escuta» acaba por definir com segurança:

Políbio Gomes dos Santos. O que «As Três Pessoas», seu livro de estreia, ainda possuía de expectante e de inquieto, surge, então, como um sentimento de comunhão absoluta, de entrega e de confiança, na expressão vigorosa do seu lirismo sadio e inconfundível, cujos versos admiráveis mantêm um equilíbrio e uma forma de pureza singular.

Virtualmente, pois, a tais poetas se limitam as características essenciais do neo-realismo que determinaram, na Poesia, o «Novo Cancioneiro». Certo é que, posteriormente, e já fora desta série, Carlos de Oliveira e Mário Dionísio nos deram as duas obras de maior valor no campo do neo-realismo, que já havíamos citado: «Mãe Pobre» e «As Solicitações e Emboscadas», respectivamente. Mas frustrou-se, por outro lado, o intuito inicial de renovação. E se aos presencistas cabia, já, alguma responsabilidade no declínio da Poesia, pelo extremismo egocêntrico que atingiram, outras e mais graves consequências são de atribuir aos poetas do «Novo Cancioneiro».

A própria falta de individualidade, nítida na maioria de quantos jovens poetas (ou pseudo-poetas), a cada passo nos surgem, demonstra à evidência essa inegável despersonalização poética que só após a «Presença» se verificou...

Ora, será que Wilde tem razão, quando afirma que «a arte é absolutamente inútil»?

EXTASE

Sózinho, de olhos fitos, deslumbrado,
A contemplar o mar embravecido,
Eu fico muito quieto, extasiado,
E como se de tudo já esquecido.

Sinto por acre vento fustigado
O meu corpo franzino e entorpecido,
De farrapos de espuma salpicado
Meu rosto frio e empalidecido.

Mas de olhar não me canso, todavia,
Se pudesse ficava noite e dia,
Sonhando no oceano alto, em revolta.

Eu vislumbro por entre a densa bruma,
As ondas coroadas com espuma...
E alheio-me de tudo, à minha volta.

Setembro de 1949

Fernando Carvalhas

bandarilheiros. Torna-se necessária a intervenção dos capinhas. O capinha é a negaça, a habilidade, a maior defesa dos cavaleiros e dos bandarilheiros. Como se cansa o toiro, há que cansar o Mar. E o Mar cansa-se com barreiras falsas, com diques abertos por onde ele entre após os seus embates furiosos, mas já diminuído na sua potência destruidora. Mas não sei como isto se faz e como isto se pode fazer na praia de Espinho, mas tenho a opinião de que enquanto isto se não fizer, o Mar de Espinho continuará a destruir muralhas, avenidas, prédios, nas suas fúrias tempestuosas. A obra que se está fazendo em Espinho é notável. Significa persistência e desejo de solucionar o conflito entre o Mar e a Terra. Sobre isso não pode haver e cuído que não há, duas opiniões. A minha dúvida, que nem sequer chega a ser discordância, está na sua eficiência. A experiência do Mundo e doutros casos semelhantes ao da praia de Espinho levam-me a pôr estas minhas dúvidas. O futuro nos dirá quem tem razão: se a técnica, se a experiência do que eu vi aplicado lá fora a casos semelhantes.

*

Depois do problema do Mar há, em Espinho, como digo acima, o problema da Terra. Nesse estou à vontade, porque já não tenho na minha frente o obstáculo ponderável da técnica. Para este problema há que ter apenas olhos na cara e miolo na cabeça. Saber ver. Ter a noção dos interesses que respeitam à própria terra. E que é que eu vejo em Espinho? Dum lado a obra destruidora do Mar; do outro a obra incompreensível dorminhoca dos homens. A primeira dá-lhe em fúrias catastróficas a dor,

a miséria e a ruína. A segunda nega-lhe o progresso. Refiro-me à sua linha de caminho de ferro. Há muitos anos que se pensa na sua indispensável transferência. Fizeram-se projectos, traçou-se-lhe a sua nova linha de desvio. Tudo se limitou a riscos no papel. E Espinho, a vítima, nada ganhou nem com os projectos nem com os riscos. A velha linha dos caminhos de ferro lá está, lá permanece como uma cicatriz de fadista, a limitar em

ressas de praia de primeira ordem. Esta solução dava origem a muitas outras: ao alargamento da sua urbanização, ao rasgamento de novas avenidas e à supressão das passagens de nível que hoje constituem um pesadelo para quantos têm que entrar ou sair de Espinho. Eu o experimentei quando na 6.ª-feira por lá passei: vinte minutos à espera que um combóio passasse para que as cancelas nos dessem passagem a nós. Isto não está certo, nem é defensável. Mas

OS PROBLEMAS DE ESPINHO

Vistos por um
ilustre jornalista

Continuado da pág. 1

quatro palmos e meio a melhor e a mais linda das suas avenidas, junto dos hotéis, do Casino, dos Cafés, a dois passos do Mar. Isto é incompreensível, mas é assim. Para ver isto não preciso para nada da competência dos técnicos. Bastam-me os olhos.

No dia em que aquela linha desapareça, aquela Avenida, alargando os seus domínios para o actual leito ferro-viário, ficará uma avenida ampla, famosa, digna de Espinho e verdadeiramente integrada nos seus inte-

dentro do meu ponto de vista eu acho bem que este problema se não solucione naquele local. O que eu acho bem é que a linha seja mudada, e na nova linha que se fizer se trate a sério deste problema das passagens de nível. Ali não vale a pena mexer-lhe. Seria quanto muito uma solução provisória, porque eu estou certo de que alguém surgirá um dia a solucionar o problema principal.

*

Um outro problema de que

Espinho carece, urgentemente, quanto antes sem hesitações nem demoras, é o da sua ligação rodoviária com o Porto. A estrada actual, bem calçada, bem conservada, é, além de um perigo permanente, uma inconcebível tortura de voltas e contra-voltas, curvas apertadíssimas, desafios constantes à ginástica assassina dos volantes que só por milagre se não esbarram uns de encontro aos outros. Espinho, praia famosa, a dois passos do Porto, exige e merece uma larga estrada marginal que a ponha, rapidamente, em contacto com a Cidade Invicta. Apesar de tudo quanto se diz, temos de confessar que os nossos volantes são dos melhores do Mundo. Se o não fossem, a percentagem dos nossos desastres de viação seria pavorosa, porque eu não sei como eles, em estradas tão estreitas e tão cheias de curvas e de abismos, conseguem ultrapassagens nas condições em que o conseguem. Duas caminhetas a par ocupam a estrada toda e não fica de uma à outra a distância de dois palmos. Só uma grande perícia, uma grande firmeza de pulso, um sangue firme admirável, podem evitar choques que sem essa firmeza, essa perícia, esse sangue frio seriam inevitáveis.

N. R. -- J. Paulo Freire, jornalista e homem de letras, deixa nestas impressões de viagem, justas e criteriosas considerações, que se identificam, no seu todo, com as afirmações que no «Rumo» têm sido feitas desde 1948. E porque não é demais repetir e bater no mesmo assunto, gostosamente transcrevemos o artigo publicado no «Diário do Norte» pelo citado publicista, sem dúvida o mais popular e criterioso comentador norte-lhe.

VII. — Antes de entrar propriamente na análise das várias disposições legais reguladoras do funcionamento das Zonas de Jogo, e exposição consequente das obrigações dos Concessionários para com o Estado e para com as terras onde se estabeleceram zonas de jogo, vejamos vários factos passados, que são apenas pequeno retalho do muito pano de amostra que havia para apresentar se necessário fosse, do modo como tem funcionado a Zona de Espinho, e do conteúdo dos espinhenses em face da «nova moralidade» instaurada pelos novos processos de exploração, bem diferentes daqueles velhos tempos em que, com razão supunha, ser a falta do jogo em Espinho a sua morte como estância de Turismo.

Longe ia já o tempo em que empresários como o Pires Gonçalves e outros, proibiam a entrada de matriculadas no Casino, que mais tarde havia de ser verdadeiro Paraíso de «courts», transformando o Casino de Espinho com suas tradições de decência e até elegância, em segunda edição do Café Primavera do Porto ou do Clube Olímpia, espécie de antecâmaras das «Suburras» locais, onde as libertinas faziam seu campo de acção para angariamento de «clientes».

Espinho e o Jôgo

II

Espinho quase alterara por completo o seu modo de viver. As «Senhoras do Casino» antigas criadas de muito servir, e de boa plástica, agora transformadas em «Mundanas» mercê dos trajes muitas vezes alugados por exploradoras da miséria e da escravidão branca, passaram a dar a nota dominante da terra, pagando quartos a todo o preço, desejadas por toda a gente que negociava em alugueres pelo tempo da Praia.

E o jornal local, «Defesa de Espinho», em seu número de 3 de Outubro de 1937 escrevia artigo de que se destacam o seguinte título e as seguintes passagens:

«A Moral contra a Imoralidade»

«Dentro do mais louvável espírito de moralidade e defesa dos superiores interesses da Nação, foi o jogo proibido nos grandes aglomerados citadinos e tolerado em determinadas localidades cujas condições climatéricas e topográficas as indicavam como possíveis zonas de Turismo. Foram assim criadas determinadas zonas».

O Estado Novo cumpriu. Que fizeram os Concessionários?

Que fizeram as localidades que o Governo julgou beneficiar permitindo que nelas se jogasse?

Os primeiros, faltaram, corrompendo, fazendo este vício nefando impor leis onde faltava o pão, comprando consciências, despertando no subconsciente de alguns que tinham já propensão para a imoralidade e para a vileza, a ânsia de fazerem operações que os tornassem ridículos émulos de Shylok.

As localidades onde tal vício foi permitido, numa indiferença criminosa e numa inconsciência repugnante têm permitido que alguns se locupletem à custa da desgraça de muitos lares, da vileza de muitas consciências... «para assim permitirem que três ou quatro tripudiem sobre a honestidade e moralidade da população das terras que lhes servem de arena.»

Isto como se disse, escrevia-se na «DEFESA DE ESPINHO» de 3 de Outubro de 1937.

Apezar deste brado de indignação, em 1937, parece que as coisas não mudaram, antes se agravaram, quanto ao «panorama moral» de Espinho, Zona de Jogo, porque grossa celeuma se levantou no começo da época de 1945, quando o então Presidente da Câmara Fernando de MIRANDA-GOMES, fez publicar o célebre Edital de 20 de Abril, que transcrevendo artigos de Lei «vedava a entrada no Casino ou o estacionamento nas proximidades, às Matriculadas».

Disse-se então, esta coisa fantástica para servir de pedra de toque da moralidade duma época: — «Tal edital, equivalia a mandar encerrar o Casino. Era uma perseguição acintosa aos Senhores da Empresa de Jogo, motivada por uma questão de ciúmes».

E' certo, em boa verdade, que os comentadores deste jaez não eram de Espinho, porisso não pode atribuir-se ao público de Espinho a condenação do espírito que encerrava o edital, do então Presidente da Câmara, Miranda Gomes.

Mas também é certo, que os de fora, sobretudo os «que veem de novo» sempre pretenderam dar leis em Espinho, o que por vezes, e infelizmente, conseguem.

(Continua)

C. C.